

## A SEMANA – 126

John Gledson

Machado escreve no auge da Primeira Guerra Sino-Japonesa (agosto de 1894 – abril de 1895), em que, numa luta pelo controle da península coreana, os japoneses chocaram o mundo pela vitória esmagadora sobre o vasto Império chinês. Foi um acontecimento marcante, tão importante à sua maneira quanto a vitória alemã na Guerra Franco-Prussiana de 1870. É por isso que “o momento é japonês” – em dezembro, Eça de Queirós contribuiria com seis artigos sobre “Chineses e japoneses” para a *Gazeta*. O que fascinou Machado na ascensão do Japão foi a relação desse país com as grandes potências europeias. Em contraste com a China, tinha utilizado as invenções e até as instituições políticas do Ocidente para emular e depois rivalizar com seu modelo. É fácil imaginar como isso deve ter interessado um brasileiro; o Brasil também, no Império e na República, tinha adotado as formas europeias, mas com resultados bem diferentes. Ambos os tratados que Machado menciona, Tientsin e Yokohama, foram uma espécie de “abertura dos portos”, forçada, da China e do Japão.

Em contraste intencional, Machado começa a crônica num contexto mais local: os japoneses praticam a guerra, mas querem também mandar alguns “braços de paz” ao Brasil. Isso leva o cronista a uma questão que tinha preocupado os brasileiros ao longo do século XIX, e que depois da Abolição tinha cobrado uma nova urgência – a possibilidade da imigração oriental em grande escala. Sempre, Machado temera que a imigração chinesa (os *coolies*) fosse um jeito de manter a escravidão com outro nome. Outra preocupação que sempre tivera era a unidade cultural do país, a começar pela língua. Sentimos, no último parágrafo, que a imigração é muito bem-vinda, se levar à assimilação. Machado gostaria de aprender japonês, como de fato tinha aprendido alemão, mas seria bom que Sho Nemotre e os seus compatriotas aprendessem português. Em contraste com essas questões, a cultura – no caso, a moda da *chinoiserie*

e da *japonaiserie*, por mais que sem dúvida simpatize com os “originais” irmãos Goncourt – é coisa passageira e superficial.



## A SEMANA

28 de outubro de 1894

[Edição, apresentação e notas por John Gledson]

O momento é japonês. Vede o contraste daquele povo que, enquanto acorda o mundo com o anúncio de uma nova potência militar e política,<sup>1</sup> manda um comissário ver as terras de São Paulo, para cá estabelecer alguns dos seus braços de paz. Esse comissário, que se chama Sho Nemotre, escreveu uma carta ao *Correio Paulistano* dizendo as impressões que leva daquela parte do Brasil. “Levo, da minha visita ao Estado de S. Paulo, as impressões mais favoráveis, e não vacilo em afirmar que acho esta região uma das mais belas e ricas do mundo. Pela minha visita posso afiançar que o Brasil e o Japão farão feliz amizade, a emigração será em breve encetada e o comércio será reciprocamente grande.”<sup>2</sup>

Ao mesmo tempo, o Sr. Dr. Lacerda Werneck,<sup>3</sup> um dos nossos lavradores esclarecidos e competentes, acaba de publicar um artigo comemorando os esforços empregados para a próxima vinda de trabalhadores japoneses. “É do Japão (diz ele) que nos há de vir a restauração da nossa lavoura.” S. Ex. fala com entusiasmo daquela nação civilizada e próspera, e das suas recentes vitórias sobre a China.

Não esqueçamos a circunstância de vir do Japão o novo ministro italiano, segundo li na *Notícia* de quinta-feira, fato que, se é intencional, mostra da parte do rei Humberto a intenção de ser agradável ao nosso país, e, se é casual, prova o que eu dizia

---

<sup>1</sup> Esta vírgula não está na *Gazeta*. Aurélio a acrescenta.

<sup>2</sup> O nome verdadeiro deste diplomata é Sho Nemoto. Foi o primeiro visitante japonês a propor a imigração em grande escala dos seus compatriotas ao Brasil (que só começaria de fato em 1908). A carta apareceu com certo destaque no *Correio Paulistano* no dia 20 de outubro, e foi reproduzida na *Gazeta* no mesmo dia desta crônica, 28 de outubro. Curiosamente, Machado parece ter substituído a palavra “garantir” do original (em ambos jornais), reputado galicismo, por “afiançar”.

<sup>3</sup> Provavelmente Machado se refere a Manuel Peixoto de Lacerda Werneck, filho de Luís Peixoto de Lacerda Werneck, barão do Pati do Alferes. Não localizei este artigo.

a princípio, e repito, que o momento é japonês.<sup>4</sup> Também eu creio nas excelências japonesas, e daria todos os tratados de Tientsin por um só de Yokohama.<sup>5</sup>

Não sou nenhuma alma ingrata que negue ao chim os seus poucos méritos; confesso-os, e chego a aplaudir alguns. O maior deles é o chá, merecimento grande, que vale ainda mais que a filosofia e a porcelana. E o maior valor da porcelana, para mim, é justamente servir de veículo ao chá. O chá é o único parceiro digno do café. Temos tentado fazer com que o primeiro venha plantar o segundo, e ainda me lembra a primeira entrada de chins,<sup>6</sup> vestidos de azul, que deram para vender pescado, com uma vara ao ombro e dois cestos pendentes, – o mesmo aparelho dos atuais peixeiros italianos. Agora mesmo há fazendas que adotaram o chim, e, não há muitas semanas, vi aqui uns três que pareciam alegres, – por boca do intérprete, é verdade, e das traduções faladas se pode dizer o mesmo que das escritas, que as há lindas e pérfidas.<sup>7</sup> De resto, que nos importa a alegria ou a tristeza dos chins?

A tristeza é natural que a tenham agora, se acaso o intérprete lhes lê os jornais; mas é provável que não os leia. Melhor é que ignorem e trabalhem. Antes plantar café no Brasil que “plantar figueira” na Coreia, perseguidos pelo marechal Yamagata.<sup>8</sup> Já este nome é célebre! Já o almirante Ito é famoso! Do primeiro disse a *Gazeta* que é o Moltke do Japão.<sup>9</sup> Um e outro vão dando galhardamente o recado que a consciência nacional lhes encomendou para fins históricos.

---

<sup>4</sup> A notícia está na primeira página, com destaque, de *A Notícia*, de 25 de outubro, quinta-feira. O assunto tinha certa importância, porque o governo italiano queixava-se que alguns súditos italianos tinham sido maltratados durante a Revolta da Armada (a chamada “questão dos protocolos”), e que certos “contratos e concessões feitos pelo governo provisório não tinham sido levados a efeito.”

<sup>5</sup> Pelo tratado de Yokohama parece que Machado se refere ao tratado de Kanagawa, firmado em Yokohama em 1854, quando uma frota americana, comandada pelo Comodoro Perry, forçou o Japão a abandonar a política de isolamento do resto do mundo que tinha mantido ao longo de 200 anos. Houve vários tratados de Tientsin, importante porto chinês (atual Tianjin), de 1858, 1861, 1885...; em todos, os poderes ocidentais forçaram uma abertura do país à exploração estrangeira. Foram incluídos depois na rubrica “Tratados desiguais”.

<sup>6</sup> A primeira tentativa de trazer chineses para cultivar o chá no Brasil data de 1810; foi uma experiência do governo de Dom João VI, que não deu certo. Pela “primeira entrada dos chins”, parece que Machado se refere aos – menos de mil – chineses que entraram no Brasil na década de 1850. Com efeito, há várias referências a eles como vendedores de peixe, inclusive na reportagem de João do Rio, “Visões d’ópio: os chins do Rio”, em *A alma encantadora das ruas*.

<sup>7</sup> Machado traduz uma frase muito usada para descrever certo tipo de tradução, sobretudo para o francês: “les belles infidèles”, isto é, são belas, mas à custa da fidelidade ao original.

<sup>8</sup> “Plantar figueira” quer dizer levar uma queda – no caso, uma derrota. O marechal Yamagata Aritomo (1838-1922) foi um dos responsáveis pelo estabelecimento do poder militar e político do Japão, e Ministro de Guerra durante a Primeira Guerra Sino-Japonesa. Por isso, é comparado com Helmuth von Moltke, que transformou o exército alemão, também vitorioso, notadamente na Guerra Franco-Prussiana de 1870. O almirante Ito Sukeyuki (1843-1914) dirigiu a frota japonesa, que ganhou várias batalhas na mesma guerra.

<sup>9</sup> Este artigo, que detalha a carreira de Yamagata, apareceu na *Gazeta* de 18 de outubro, na segunda página. Para Moltke, ver a crônica de 1º de janeiro de 1894, nota 6.

Aqui, há anos, o mundo inventou uma coisa chamada japonismo. Nem foi precisamente o mundo, mas os irmãos de Goncourt, que assim o declaram e eu acredito, não tendo razão para duvidar da afirmação. O *Journal des Goncourt* está cheio de japonismo. Uma página de 31 de março de 1875 fala do “grande movimento japonês”, e acrescenta, por mão de Edmundo: *Ç’a été tout d’abord quelques originaux, comme mon frère et moi...*<sup>10</sup>

Esse “grande movimento japonês” não era o que parece à primeira vista; reduzia-se a colecionar objetos do Japão, sedas, armas, vasos, figurinhas, brinquedos. Espalhou-se o japonismo. Nós o tivemos e o temos. Esta mesma semana fez-se um grande leilão na rua do Senador Vergueiro, em que houve larga cópia de sedas e móveis japoneses, dizem-me que bonitos.<sup>11</sup> Muitos os possuem e de gosto. Chegamos (aqui ao menos) a uma coisa, que não sei se defina bem chamando-lhe a banalidade do raro.

Mas, enquanto os irmãos de Goncourt inventaram o japonismo, que faria o Japão, propriamente dito? Inventava-se a si mesmo. Forjava a espada que um dia viria pôr na balança dos destinos da Ásia. Enquanto uns coligiam as suas galantarias, ele armava as couraças e forças modernas e os aparelhos liberais. Mudava a forma de governo e apurava os costumes, decretava uma constituição, duas câmaras, um ministério como outras nações cultas vieram fazendo desde a Revolução Francesa, cuja alma era mais ou menos introduzida em corpos de feição britânica. Vimos agora mesmo que o Micado, abertas as câmaras, proferia a fala do trono, e ouvia delas uma resposta, à maneira dos comuns de Inglaterra, mas uma resposta de todos os diabos, mais para o resto do mundo que para o próprio governo. Este acaba de recusar intervenções da Europa, nega armistícios, não quer padrinhos nem médicos naquele duelo, e parece que há de acabar por dizer e fazer coisas mais duras.

São dois inimigos velhos; mas não basta que o ódio seja velho, é de mister que seja fecundo, capaz e superior. Ora, é tal o desprezo que os japoneses têm aos chins, que a vitória deles não pode oferecer dúvida alguma. Os chins não acabarão logo, nem tão cedo, – não se desfazem tantos milhões de haveres como se despacha um prato de arroz com dois pauzinhos, – mas, ainda que se fossem embora logo e de vez, como o chá não

---

<sup>10</sup> Na *Gazeta*, “Ç’a été...”, sem dúvida erro dos compositores, que Aurélio corrige. “No começo, isso foi coisa de alguns originais, como meu irmão e eu...” Os irmãos Edmond (1822-1896) e Jules de Goncourt (1830-1870), romancistas franceses, famosos sobretudo pelo seu diário, mantido ao longo de muitos anos, e que oferece uma visão única da vida cultural da França da época. Nesta anotação, Edmond comenta a história deste “movimento” nas artes francesas, e a loja de Mme. Desoye, na Rue de Rivoli, cheia de *objets d’art* japoneses.

<sup>11</sup> Certamente Machado se refere a um grande leilão na rua Senador Vergueiro, anunciado na *Gazeta* no dia 25 de outubro: “Suntuoso leilão de riquíssimos móveis”. Com efeito, há alguns móveis e bibelôs orientais, quatro ou cinco (p.ex. um “rico biombo japonês com delicado trabalho a ouro”). Mas a impressão geral que se tem é de um ecletismo total. Sofia Palha teria adorado.

é só dos chins, eu continuaria a tomar a minha chávena, como um simples russo, e as coisas ficariam no mesmo lugar.

O momento é japonês. Que esses braços venham lavrar a terra, e plantar, não só o café, mas também o chá, se quiserem. Se forem muitos e trouxerem os seus jornais, livros e revistas de clubes, e até as suas moças, alguma necessidade haverá de aprender a língua deles. O padre Lucena escreveu, há três séculos, que é língua superior à latina, e tal opinião, em boca de padre, vale por vinte academias.<sup>12</sup> Tenho pena de não estar em idade de a aprender também. Estudaria com o próprio comissário Sho Nemotre, que esteve agora em S. Paulo; ensinar-lhe-ia a nossa língua, e chegaríamos à convicção de que o almirante Ito é descendente de uma família de Itu, e que os japoneses foram os primeiros povoadores do Brasil, tanto que aqui deixaram a japona. Ruim trocadilho; mas o melhor escrito deve parecer-se com a vida, e a vida é, muitas vezes,<sup>13</sup> um trocadilho ordinário.



---

<sup>12</sup> Padre João de Lucena (1549-1600), jesuíta português, autor da biografia do missionário São Francisco Xavier, que inclui muitas informações sobre os países do Extremo Oriente. Machado o cita mais de uma vez, e tinha as suas obras na sua biblioteca. Lucena comenta, em tom de elogio, a complexidade de registros da língua japonesa.

<sup>13</sup> Esta vírgula não está no jornal. Aurélio a acrescenta.